



A aprendizagem da língua brasileira de sinais e da cultura surda para crianças ouvintes: promovendo um ambiente inclusivo na sala de aula regular comum através de um estudo de caso

Eixo 07 - Educação, Comunicação, Práticas Pedagógicas Inclusivas e desafios da acessibilidade

Alane Gonçalves Gomes¹

Ivandro Pinto de Menezes²

RESUMO

Esse artigo aborda a importância da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, e da cultura surda para crianças ouvintes em uma sala de aula regular comum, através de um projeto que foi realizado em uma escola pública na região nordeste do Brasil. O objetivo principal desse trabalho é sugerir mecanismos para o ensino da Libras e da cultura surda para crianças ouvintes, através de um ambiente que seja linguisticamente inclusivo e que tenha como suporte a equidade. O percurso metodológico selecionado para o trabalho foi um estudo de caso, realizado com crianças ouvintes entre 8 a 11 anos de idade. Os principais instrumentos utilizados foram: observações participantes e questionários abertos. Conclui-se que, a aprendizagem da Libras é importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças ouvintes, bem como para a construção da empatia e acessibilidade linguística ainda na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais; cultura; ensino; aprendizagem; inclusão.

ABSTRACT

This article addresses the importance of learning Brazilian Sign Language and deaf culture for hearing children in a regular classroom, through a project carried out in a public school in northeastern Brazil. The main objective of this work is to suggest mechanisms for teaching Libras

¹ Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos no campus VIII pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Paulo Afonso (BA). Pós-graduada em Braille e Libras pela Faculdade Vendo Nova do Imigrante (FAVENI). Pós-graduada em Educação profissional e tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Professora da rede pública de Paulo Afonso (BA).Email: alanegoncalves70@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCG (2022). Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPB (2013). Especialista em Direito Constitucional pelo Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ (2003). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (2003). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Tem experiência na área do Direito, atuando principalmente nas áreas de Sociologia e Antropologia Jurídica, Direito e Literatura, Direitos Fundamentais. Membro do GEPSCI - Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia, Comunicação e Informação, vinculado ao PPGCI-UFPB e ao PPGC-UFPB. Email: ivpmenezes@uneb.br



and deaf culture to hearing children, through an environment that is linguistically inclusive and supports equity. The methodological approach selected for this work was a case study conducted with hearing children aged 8 to 11. The main instruments used were participant observation and open-ended questionnaires. The conclusion is that learning Libras is important for the cognitive development of hearing children, as well as for building empathy and linguistic accessibility in childhood.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language; culture; teaching; learning; inclusion.

1 Introdução

A inclusão linguística da pessoa surda dentro dos ambientes educacionais suscita inúmeras e variadas discussões. Contudo, quando se fala sobre as práticas executadas dentro das salas de aulas regulares, alguns professores apontam dificuldades e compartilham angústias, ao afirmarem que não conseguem expor aos alunos ouvintes as questões linguísticas que envolvem o aluno e a cultura surda (Guarinello et al., 2006; Gesser, 2012).

O objetivo deste trabalho é sugerir mecanismos para superação de tais dificuldades, apontando caminhos para as práticas docentes em sala de aula, começando pela disseminação de conhecimento da cultura surda, pontuando quem é esse aluno surdo, trazendo a sua perspectiva sociocultural, e as formas como as pessoas ouvintes podem contribuir para efetivação³ de sua acessibilidade linguística, e em como a escola enquanto ambiente de desenvolvimento mútuo pode estar trabalhando na conscientização de estudantes ouvintes para receber e incluir o aluno (a) surdo em sala de aula e no ambiente escolar.

Trata-se, como se pôde perceber, de processos de aculturação, haja vista que o aluno (a) surdo vem de uma cultura distinta e, tal qual um estrangeiro, é imerso numa nova e desafiadora cultura. Aquilo que é comum e fácil para um aluno (a) ouvinte pode se constituir como um desafio ao aluno (a) surdo. Processos de interação social – como a aula e as brincadeiras – podem pela ausência de códigos culturais constituir-se como um obstáculo à inclusão e ao aprendizado da criança surda. De igual modo, o aluno (a) ouvinte também experimenta o contato e o convívio com

³ Aqui distingue-se eficácia de efetividades, sendo a primeira o percurso formal para acessibilidade da pessoa surda, composto de arsenal legislativo. Por sua vez, entende-se efetividade como a realização material dessas políticas e estratégias tecidas no campo formal – da eficácia.



alguém de uma cultura que lhe é estranha e, em certo sentido, exótica, mas que se constitui numa oportunidade de ampliação de seu repertório sociocultural e, nesse sentido, de aprendizagem.

Educação, mais que uma prática formal de exposição e transmissão de conteúdos programáticos, caracteriza-se por processos de democratização dos saberes e de construção de uma cidadania plural, inclusiva e solidária. Nesta perspectiva, invoca-se à Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua oficial do Brasil.

Entretanto, o que se tem notado em algumas escolas é a não aderência à Língua Brasileira de Sinais, produzindo espaços antidemocráticos, ao deixar a pessoa surda sem a comunicação entre os seus pares, ocasionando, assim, a falta de relações interpessoais, evasão escolar e desestímulo na aprendizagem.

Este cenário, levanta algumas questões, a exemplo: Como pode auxiliar alunos ouvintes a tornarem-se receptivos a estudantes surdos em sala de aula? Como profissionais da Educação podem contribuir para a aprendizagem da Libras enquanto segunda língua aos educandos ouvintes no ambiente regular de aprendizagem? Por que estudantes surdos geralmente ficam isoladas no ambiente escolar, restritos apenas ao contato com o tradutor intérprete de Libras (TILS)?

Movidos por tais questionamentos, no ano de 2021, foi desenvolvido, em uma escola da região nordeste do Brasil (uma escola municipal de fundamental I), um projeto intitulado “Libras: caminhos da inclusão”, buscando contribuir para a promoção da igualdade linguística e do reconhecimento da cultura surda para as crianças ouvintes, se dando através do ensino da Libras em sala de aula regular comum, bem como na inserção de práticas interpretativas tanto em sala de aula comum, em apresentações de eventos na escola sendo aberto ao público ou fechado somente para a comunidade escolar, tendo como objetivo principal, disseminar informação e conhecimento através das mãos das crianças, por meio das sinalizações para um público externo, gerando assim, uma maior visibilidade para a aprendizagem, aquisição da Libras e promoção da cultura qual a pessoa surda está inserida, trazendo esses pontos através da educação dentro do ambiente escolar.

Após a realização do projeto, foi aplicado um questionário com 7 perguntas aos alunos ouvintes matriculados nos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I, com expressa autorização de seus genitores e/ou responsáveis, enviado por meio de *WhatsApp*, ao que será exposto neste trabalho,



quatro participantes. Pois foram selecionados apenas um aluno (a) por ano (lembrando que o projeto teve início no ano de 2021), a escolha desses estudantes se deu para realizar uma comparação entre as distintas visões que eles tinham diante das perguntas lançadas.

Com relação aos resultados obtidos, os mesmos confirmaram a proposta do projeto, pois os estudantes demonstraram que houve avanços significativos na aprendizagem da Libras, bem como adquiriram a empatia e consideração pela língua, pois antes de terem os conhecimentos prévios sobre a temática, os estudantes não consideravam a Libras como língua, mas sim como gestos (que é algo solto e sem gramática própria) além da Libras ser vista como um símbolo marginalizado e que servia até como chacota no meio dos estudantes.⁴

Em suma, esse trabalho tem o intuito e desejo ardente de contribuir com questões que são fundamentais para compreensão e efetivação da inclusão de Libras em salas de aulas regulares das escolas públicas do país, bem como discutir a proposta de apresentação da cultura surda para estudantes ouvintes ainda na infância, promovendo então, uma inclusão não somente do sujeito, mas linguística através do método bilinguismo.⁵

2 A aprendizagem da Libras para crianças ouvintes

De acordo com Castro (2021), as escolas brasileiras não costumam fazer o uso da Libras, visto que, a língua teve o seu reconhecimento no ano de 2002 através da Lei nº 10.436, no entanto, o que se tem observado é a falta de profissionais da educação habilitados e a falta de formação nessa língua para que se possa trabalhar dentro do ambiente escolar, outro dado importante é a falta da inserção da Libras como disciplina obrigatória dentro do currículo brasileiro.⁶

⁴ Acreditamos que os estudantes nos relataram dessa forma, devido as mídias como Instagram e TikTok, fazerem o uso da Libras como expressões ridicularizadas entre jovens e adolescentes. E que em alguns casos, os sujeitos ouvintes imitavam os balbucios que a pessoa surda costuma fazer ao tentar oralizar.

⁵ O bilinguismo é um método que se utiliza de duas línguas ao mesmo tempo, nesse caso do Português oral e da LIBRAS sinalizada.

⁶ Para isso, o projeto de Lei 2403/22 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir conteúdo da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos currículos da Educação Básica (da pré-escola ao ensino médio).



Em comparação com o idioma inglês, cuja procura é enorme entre alunos ouvintes, ao realizarmos uma análise do currículo brasileiro, é nítida a valorização que o nosso país dá a língua norte-americana. Isso se deve a questão do eurocentrismo, que perpetua até os dias atuais pela busca do “padrão” que era mais aceitável na sociedade passada com a chegada dos europeus, ou seja, a herança eurocêntrica aqui deixada ainda outorga marcas. Nesse sentido, Laraia (1932) menciona que

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. (1932,p.72,73)

Um desses conflitos sociais, é a marginalização que a Libras vem sofrendo, com notável desvalorização, se comparada à Língua Inglesa, não sendo considerada como outro idioma a ser apresentado nos currículos escolares, nem mesmo como opção, o que acaba por deixar a Libras esquecida, reforçando um processo de exclusão e/ou desconhecimento pela sociedade. Laraia (1932,p.74) menciona que “O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade”. Nesse contexto, entendemos que essa ação poderia ser revertida, ao menos em parte, pela escola através do ensino e reflexões sobre as diferenças entre esses dois grupos, da pessoa surda e da pessoa ouvinte, pois sabemos que cada grupo possui as suas características próprias, mas, a escola enquanto instituição deve primar sobre o ensino de práticas inclusivas e não discriminatórias, nesse caso, no reforço da inserção da Libras dentro do ambiente educacional, tendo em vista que existem alunos surdos dentro da escola.

Partindo desse pressuposto, é interessante possibilitar uma ampliação dos horizontes com a difusão do ensino da língua, pois a Libras tem um papel fundamental para comunicação entre ambas as culturas – da pessoa surda e da pessoa ouvinte –, inclusive ao diversificar a experiência escolar e social do aluno (a) ouvinte e garantir a inclusão do aluno (a) surdo. Em um dos seus estudos realizados sobre cultura, Baumam (2012, p.182) conceitua a cultura como “... a subjetividade objetificada; é um esforço para compreender o modo como uma ação individual é capaz de possuir uma validade supraindividual; e como a realidade dura e consistente existe por meio de uma multiplicidade de interações individuais”. Sabemos que cada cultura tem os seus costumes, hábitos, línguas e etc, tendo a escola, enquanto formadora de cidadãos, o papel de preparar os estudantes



para que tenham um contato e compreendam quem são esses sujeitos falantes da Libras, o que é a surdez e qual a importância de seu aprendizado. Nesse sentido, Gesser (2012) explica que

Motivar os alunos a entenderem “o que é a surdez”, “o que é a LIBRAS”, “a quem essa língua importa”, “o que ela tem a ver com as pessoas na nossa sociedade” prepara os aprendizes para a inserção e a conscientização de um repertório de conhecimentos possivelmente alheios a sua realidade, tornando-os mais bem preparados para transitar em práticas culturais que se fazem em grupos humanos diversos (Gesser, 2012, p. 129).

A língua é composta de códigos, significados e sentidos que promovem ao falante uma compreensão do mundo e organização da própria realidade. Para o aluno (a) surdo, portanto, o aprendizado da Libras e da Língua Portuguesa constitui-se de um desafio transcultural, haja vista que nem sempre os códigos, sentidos, signos e significados conseguem ser proporcionalmente equivalentes, como em quaisquer outros processos de tradução. Traduzir é ressignificar, adequar o olhar de uma dada cultura a uma outra, em um processo de transposição e de aculturação. Desse modo, optar pelo ensino da Libras na escola, com sua inserção no currículo escolar, pode proporcionar aos alunos ouvintes o contato mais próximo tanto com os alunos surdos, bem como uma imersão em sua cultura, propiciando assim uma aproximação, por meio da troca de informações, conhecimentos e experiências de mundo. De acordo com Strobel (2008)

"cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo". (2008,p.4)

Nesse sentido, os educandos ouvintes podem auxiliar os surdos a compreenderem de forma mais ampla os elementos do universo ouvinte no qual estão inseridos, assim como os educandos surdos, podem partilhar de suas experiências no “universo surdo” que estão inseridos para os alunos ouvintes. É necessário frisar que quando a criança entra em contato com um segundo idioma, esse também passa a mediar diferentes linguagens no desenvolvimento infantil. Especificamente, afirmou-se que, devido aos seus parâmetros linguísticos, por ser uma língua visuoespacial — diferentemente do português, que é oral-auditivo, e até mesmo da oralidade —, a Libras aprimora habilidades como orientação geoespacial, corpórea e extracorpórea, lateralidade, além de coordenação motora ampla e fina (Lee; Zuin, 2023). Noutras palavras, a aprendizagem da Libras para crianças ouvintes auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, pois ao realizar os sinais é feito o uso das Configurações de Mãos (CM), que é considerada um dos parâmetros fundamentais



da língua, a criança consegue desenvolver habilidades manuais – como atividades propostas com o uso da tesoura, a pega do lápis em formato de pinça, a lateralidade das atividades em papéis, dentre outras.

Outro ponto positivo com relação a aprendizagem da Libras para crianças ouvintes, é o desenvolvimento da empatia e aceitação das diferenças, pois sabemos que existe uma diversidade planetária que nos rodeia, e precisamos aprender ainda na infância, que essas diversidades são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva, autônoma, justa e solidária. Além disso, a aprendizagem da Libras versa pelo desenvolvimento cognitivo das crianças ouvintes, contribuindo nas discriminações visuais (os sinais em Libras costumam utilizar de recursos visuais, o que permitirá que a criança ouvinte adquira mais atenção), no auxílio da memória (a criança vai obter vocabulário, e precisará sempre utilizar desse recurso para realizar a sinalização correta através dos parâmetros da Libras).

Em tempo, as crianças ouvintes terão a oportunidade de receber uma segunda língua, ainda na infância o que oportunizará competências linguísticas, habilidades na comunicação, formação do pensamento crítico, interação social com os seus colegas ouvintes e surdos tanto dentro do ambiente escolar como fora, o que potencializará o desenvolvimento das crianças ouvintes de forma ampla e sensível. A sensibilidade aqui mencionada é no quesito de ter um olhar voltado com equidade para a pessoa surda, pensando lá na frente, no futuro, quando as crianças ouvintes tiverem a oportunidade de terem um contato com a pessoa surda. De acordo com a (UNESCO, 2020a, p.419) a equidade significa um processo ou ações destinadas a garantir a igualdade. Sendo assim, se as escolas aderirem a aprendizagem da Libras para as crianças ouvintes já na infância, estaremos no caminho certo para uma sociedade inclusiva e que tenha como princípio norteador a equidade.

Além da equidade, podemos elencar também as oportunidades e garantias de emprego que serão ofertadas para as pessoas que tem o domínio e habilidades necessárias na língua. Inserindo a Libras ainda na infância há possibilidades de promover uma educação empreendedora para os alunos ouvintes, pois no futuro não muito distante, ocasionará em um leque de possibilidades profissionais em que poderão atuar como por exemplo: professor (as) de Libras de escolas regulares/bilíngues, em universidades como docentes ou como TILS. Portanto, entende-se que a aprendizagem da Libras para as crianças ouvintes contribuem em variados fatores, não somente na



aprendizagem de uma segunda língua, mas na: interação social, conhecimento de outra cultura, nas habilidades visuais, manuais, cognitivas, no desenvolvimento da empatia e sensibilidade com o outro (a), além de oportunidades profissionais futuras dentro da área da educação inclusiva.

3. Metodologia

Sabendo que a ciência é uma arte fundamental para os seres em geral, pois necessitamos de pesquisas científicas para confirmar dados, atualizá-los ou anulá-los, trazer inovações, melhorias, detectar algo que está trazendo prejuízo ou benefícios, é interessante trazer aqui um conceito que as autoras Gerhardtp e Silveira (2009) concluem sobre pesquisa, apontando que é uma

[...] atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real.(2009,p.18)

A pesquisa é algo transformador, pois ao descobrirmos algum tipo de dado, sempre nos questionamos o porque nunca paramos para fazer uma análise mais apurada desses dados que foram coletados, ou observados. O processo de pesquisar, faz com que o pesquisador fique mais próximo com a realidade que está sendo investigada e traz ao pesquisador um olhar por uma lente distinta, da que tinha antes de iniciar a pesquisa. Nesse sentido, a natureza da presente pesquisa assume a abordagem qualitativa, pois está atrelada as ciências humanas e se ocupa nas ciências sociais, além de se preocupar com as realidades e contextos específicos em torno do fenômeno pesquisado. De acordo a autora Minayo (2011), a abordagem qualitativa se preocupa com todo o contexto em que está sendo realizada a pesquisa, buscando atentar para os variados significados que cercam o ambiente escolhido para a pesquisa.

Quanto aos fins, essa pesquisa é caracterizada como sendo descritiva, pois procura descrever os fatos e os fenômenos de determinada instância, além de analisar, observar e correlacionar os aspectos que envolvem o que está sendo pesquisado. Segundo Gil (1999), a finalidade principal das pesquisas descritivas são as características de determinada comunidade ou fenômeno, a pesquisa descritiva pode aparecer como sendo: documental, estudos de campo, estudo de caso e entre outras; desde que o pesquisador perceba gradativamente as relações presentes nas características, como o autor supracitado mencionou. A pesquisa assume também o viés de estudo de caso, que de acordo com Gil (2007), tanto é usada nas ciências biomédicas, como nas ciências sociais.



Quanto aos meios, a pesquisa assume o caráter de exploratórias e descritivas, realizando assim estudos de cunho bibliográfico, em que foram realizadas leituras de algumas obras, envolvendo a temática abordada no presente trabalho, bem como empregando investigações que confirmem os questionamentos que já foram destacados inicialmente.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: questionário aberto e observação participante. O questionário foi aplicado através do *WhatsApp*, com estudantes que já haviam participado do projeto que vem sendo realizado continuamente todos os anos na escola pesquisada. Vale ressaltar que alguns estudantes colaboradores da pesquisa, já não faziam mais parte da escola em que foi realizada a pesquisa, porém os mesmos tiveram o contato com a Libras e com o projeto proposto na escola durante o período em que estudavam no Fundamental I. As observações foram realizadas durante o decorrer de 3 anos. Para coletar os dados desses estudantes que não participavam mais da escola na qual acontece anualmente o projeto, foi solicitado aos responsáveis legais a autorização para que as crianças respondessem de forma livre e espontânea o questionário aberto aplicado via *WhatsApp*.

Com relação as crianças que ainda faziam parte da escola, também foi solicitada a liberação com a diretora escolar e os responsáveis legais através de observações participantes realizadas durante o ano letivo, tanto nas aulas como nos eventos e projetos em que a escola promovia.

4. Resultados e discussões

Através das explanações que foram realizadas em sala de aula, bem como os estudos da história sobre quem é a pessoa com deficiência, quem é a pessoa surda, quais os termos adequados a se usar e entre outros aspectos que são iniciais e fundamentais para, a partir de então adentrar no universo linguístico da Libras, foi percebido que as crianças que cursavam o 4º ano do fundamental I, compreenderam o conceito de inclusão, equidade, pessoa surda, assim como a importância em aprender a Libras para que haja acessibilidade linguística para essa minoria, que acaba se tornando segregada dentro da nossa sociedade ouvinte.

No início do ano letivo de 2024 foi verificado que as crianças ouvintes não possuíam a compreensão do que era uma pessoa surda, e como se dava a sua cultura, foi possível notar através dos relatos das próprias crianças dentro da sala de aula regular comum, que a maioria não tinha o



conhecimento nem se quer do que era uma pessoa surda, pois confundiam, a pessoa surda com uma pessoa muda⁷. Após as atividades executadas em sala de aula, houve um avanço significativo da aprendizagem das crianças ouvintes, tanto no quesito das terminologias, como na utilização da Libras cotidianamente em sala de aula regular, e em suas residências (Algumas atividades eram elencadas para realizarem em suas residências e enviarem via vídeo). Para o uso das terminologias, foi utilizado o autor Romeu Sassaki à luz das obras: Como chamar as pessoas que têm deficiência? (2005), Inclusão: construindo uma sociedade para todos (1997) e Terminologia sobre deficiência na era da inclusão (2002).

Para comprovar as informações acima mencionadas, destacaremos o depoimento de quatro estudantes ao longo desses quatro anos, que serão nomeados com as iniciais de seus nomes. Os estudantes: M, R, D, e T descreveram como foi o primeiro contato com a aprendizagem em Libras na sala de aula e o que mais gostaram com o projeto realizado. As perguntas indagadas aos estudantes foram de turmas variadas, contando com a participação desde o ano que o projeto foi iniciado (2021) ao ano de 2024, sendo assim selecionado um aluno por turma, para ter uma análise mais apropriada com diferentes opiniões acerca da contribuição do projeto na vida de cada aluno (a) ouvinte. Lembrando que além das crianças terem o contato com a língua, também tiveram a oportunidade de terem um seminário com uma pessoa surda, na qual ensinou alguns sinais do contexto escolar e familiar para as crianças, além de realizar uma conversação básica com as crianças em sala de aula.

O questionário tinha as seguintes perguntas: Qual o seu nome? Qual a sua idade? O que você mais gostou nas aulas de Libras? O que você entende por Libras? Antes do projeto “Libras: Caminhos da inclusão”, você já tinha estudado Libras em alguma escola? Você já teve contato com algum surdo? Depois desse projeto, você pretende conversar com algum surdo na rua caso você encontre, ou você terá medo de se comunicar?. Os estudantes responderam a todas às perguntas, porém aqui será destacada apenas uma resposta de cada participante do questionário.

Estudante M: “Estou gostando, porque eu nunca tinha tido contato com a Libras e nunca tinha imaginado encontrar um surdo para conversar”.

⁷ Pessoa surda de acordo com o decreto 5.626 é aquela que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Já a pessoa muda é aquela que não emite nenhum tipo de som.



Estudante R: “Eu gostei muito de aprender Libras, a parte que mais gostei foi sobre a história dos surdos”

Estudante D⁸: “Eu nunca tinha estudado Libras, na cidade que eu vim também nunca tinha visto por lá. Eu gostei muito de aprender Libras”

Estudante T: “Eu adorei aprender Libras, e fico esperando encontrar com um surdo na rua para poder conversar. Eu nunca tinha visto Libras em nenhum lugar, o primeiro foi aqui nessa escola.”

As crianças que fizeram esses relatos, tinham a idade entre 8 a 11 anos. Foi percebido no momento da aplicação do questionário, que as crianças estavam tímidas para responderem as perguntas, pois as respostas foram feitas via áudio utilizando a ferramenta tecnológica *WhatsApp*, mas o texto aqui colocado foi fiel ao sentimento e as palavras que cada criança expressou.

Considerações Finais

Conclui-se que a aprendizagem da Libras é de suma importância para crianças ouvintes em sala de aula regular comum, pois ao inserir a Libras no currículo, a escola possibilita um contato mais próximo tanto com a língua, como com a cultura e comunidade surda. O projeto “Libras: caminhos da inclusão”, vem obtendo êxito na escola e promovendo uma conscientização para as crianças ouvintes ainda na infância, mostrando quem é a pessoa surda e como a sua cultura é diferente da cultura ouvinte, trazendo também um olhar mais apurado para a inclusão do aluno (a) com deficiência na escola. Assim, a aprendizagem da Libras vem auxiliando também no desenvolvimento da coordenação motora das crianças, possibilitando um avanço nos momentos de conversação em Libras, bem como, na utilização dos sinais isolados e em outras disciplinas que estão inseridas no currículo, como por exemplo, a disciplina de Educação Física, Artes e História.

Foi percebido também, que através desse projeto, as crianças demonstraram um interesse maior pela língua de sinais e o desejo em obter o contato com a comunidade surda, e que as crianças ouvintes são capazes de aprender uma língua que utilize as mãos de forma momentânea ainda na infância, porém, necessitam de profissionais que lhe deem essa oportunidade, assim como, um ambiente inclusivo linguisticamente. Por fim, como sugestões para superação dos mecanismos do

⁸ O estudante D, residia na cidade de Vila Velha que fica localizada no Espírito Santo.



ensino da Libras e da sua cultura, indicamos que os docentes tanto de escolas de fundamental I e II, como de universidades, adentrem no mundo da pessoa surda a partir de autores que são referência na área, como Ronice Müller de Quadros, Audrei Gesser e Karen Strobel, pois só através do conhecimento da literatura, é que conseguiremos ter noções e aprofundamentos com relação as nossas práticas pedagógicas com perspectivas inclusivas e respaldadas na equidade, viabilizando também a contribuição dos alunos ouvintes e promovendo de fato a acessibilidade linguística com equidade para essas minorias que são silenciadas.

6. Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Ed: Zahar, 2012. P.182

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2022/110436.htm. Acesso em: 18/07/2025.

CASTRO FILHO, Pedro Julio de. **“Por detrás da cortina”: reflexões sobre as políticas educacionais da Língua Brasileira de Sinais no contexto escolar**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 19, 25 de maio de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/19/rpor-detras-da-cortinar-reflexoes>

-sobre-as-politicas-educacionais-da-lingua-brasileira-de-sinais-no-contexto-escolar.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo . **Métodos de pesquisa**/ [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica–Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez : sobre ensinar e aprender a LIBRAS**/ Audrei Gesser.- São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARINELLO, A. C. et al. **A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná**. Rev. Bras. Educ. Esp., Marília, v. 12, n. 3, p. 317-330, 2006.

LARAIA, Roque de Barros, 1932-1.331c. **Cultura: uni conceito antropológico** / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

LEE, Diany Akiko. ZUIN, Poliana Bruno. **Ensino da língua brasileira de sinais (Libras) para crianças ouvintes: uma proposta bilíngue e inclusiva**. Disponível em: DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.134822>.



SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

UNESCO. **Informe de seguimiento de la educación en el mundo, 2020: Inclusión y educación: todos y todas sin excepción 2020a**. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373718>. Acesso em: 05/07/2025

UNESCO. **RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DA EDUCAÇÃO – RESUMO, 2020. Inclusão e educação. Todos, sem exceção, 2020e**. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por. Acesso em: 18/07/2025.